
Entrevista em Jornalismo e em História Oral: Aproximações e Distanciamentos¹

Hugo Pereira de Sousa LEITE²

Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz, MA

Marcos Fábio Belo MATOS³

Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz, MA

RESUMO

Este trabalho está inserido no projeto de pesquisa “Pelo interior: os 40 anos da UFMA em Imperatriz”, em andamento. Trata-se de uma reflexão apropriada sobre a função da entrevista, em dois campos específicos: o jornalismo e a história oral, pelo fato de ser ela um instrumento fundamental para o processo de levantamento de dados desses campos. A partir de teóricos de cada área, pretende-se, além de buscar especificidades de cada uma, passar a compreender seus pontos de proximidade e distanciamento. O trabalho é uma pesquisa de levantamento bibliográfico em livros e artigos de cada área, como: Cremilda Medina (2008) Nilson Lage (2004), Mühlhaus (2007), no campo jornalístico; Meihy e Holanda (2011), Penna (2015) e Hartog (2013), no campo da história oral.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação; Entrevista; História; Jornalismo.

1 INTRODUÇÃO

O recurso mais utilizado pela história oral e pelo jornalismo é a entrevista, pois, a partir dela, passamos a entender os acontecimentos que envolvem toda a sociedade. É na entrevista que podemos estabelecer perguntas que levem o entrevistado a fornecer informações, sejam elas atuais ou não, mas que tenham algum tipo de relevância nesta troca de dados, permitindo que o entrevistado demonstre suas ideias, enquanto o entrevistador facilita o entendimento de suas perguntas para não deixar fugir o foco da conversa, sendo possível trazer outros elementos que não estavam programados no roteiro e que talvez tenham algum tipo de relevância.

¹ Trabalho apresentado na IJ 8 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 30 de maio a 1 de junho de 2019.

² Estudante de Graduação do 4º semestre do Curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal do Maranhão. Integrante do Grupo de Pesquisa em Linguagem, Discurso, Mídia e Educação (LiDiME). E-mail: hugopereirajor@gmail.com. Autor.

³ Professor no curso de Comunicação Social – Jornalismo na Universidade Federal do Maranhão. Vice-Coordenador do Grupo de Pesquisa em Linguagem, Discurso, Mídia e Educação (LiDiME). Doutor em Linguística e Língua Portuguesa. E-mail: marcosfmatos@gmail.com. Orientador.

A entrevista é importante, por ser uma forma apropriada para analisar os problemas específicos ou não na reconstituição de um fato, trazendo experiências ou opiniões em um grau de profundidade dos elementos mencionados durante a conversa, pois quanto mais informações o entrevistado nos fornece, maior será a credibilidade na interpretação das ideias propostas pelo entrevistado.

A entrevista pode acontecer em locais que sejam formais ou informais, dependendo do motivo da entrevista, como por exemplo: você conversa com uma médica no seu consultório ou dialoga com um aposentado no meio da rua.

A história oral é um ramo da História que surge a partir de 1950, após a invenção do gravador de fita na Europa, sendo usada por diversos cientistas da área de Ciências Sociais e Humanas. Ela serve como forma de analisar e entender acontecimentos históricos, a partir do olhar de algum especialista ou de alguém que presenciou e saiba contar em detalhes aquele episódio e pode ser entendida também como recolhimento de declarações para se compreender como a sociedade se comporta. A respeito disso, Penna (2005, p.126) comenta que “os autores da área consideram o depoimento oral como mais próximo da vida do que um documento escrito.”

Já o jornalismo surgiu, no Brasil, em meados de 1808, quando passou a circular, em 1º de junho daquele ano, o jornal Correio Braziliense. Essa profissão tem como objetivo fazer coleta e análises de informações para a criação e publicação dos acontecimentos que atingem a população, de certa forma.

Nos dias atuais, em que estamos vivendo a nova era digital, vem se configurando uma nova forma de fazer o jornalismo, na qual os consumidores de informações exercem um papel de destaque na criação das notícias, fazendo com que os jornalistas passem a ouvir diversas versões das narrativas de seus entrevistados.

Nilson Lage (2008, p.81) acredita que as “entrevistas podem ter tempo marcado ou não, mas há um momento para encerrá-las”. Dependendo do tipo do entrevistado (se fala muito ou se fala pouco), o andamento pode variar, então de certa forma ter um horário para iniciar e encerrar é essencial, pois pode ser que o entrevistado se canse ou o foco da entrevista acaba sendo outro. Portanto, a entrevista tem como objetivo analisar e entender como os fatos aconteceram.

Este estudo tem como foco abordar a entrevista, no que ela pode ter de aproximação entre a história oral e o jornalismo e no que pode se distanciar, pois cada um tem especificidades, que abordaremos mais adiante.

Para Meihy e Holanda (2011), as entrevistas podem produzir sempre pelo menos um material: a gravação, pois grande parte dos projetos implica o estabelecimento de um texto escrito e aprovado, material que é produzido por meio da entrevista gravada. Entretanto, a ela só terá um bom desempenho se o entrevistador passar a entender o real motivo da entrevista e saber quem escolher para esclarecer suas dúvidas e perguntas.

Este estudo, que aborda a entrevista, nas duas áreas (história oral e jornalismo), tem como foco buscar subsídios teóricos e conceituais, a serem utilizados no projeto de pesquisa: “Pelo interior: os 40 anos da UFMA em Imperatriz”, que vai levantar histórias sobre a origem da universidade, que nem os documentos oficiais e nem veículos de comunicação da época mostraram com tanta clareza e profundidade e que, acredita-se, as entrevistas com os sujeitos que viveram, de perto, a implantação da UFMA em Imperatriz, podem ajudar a lançar luzes sobre aquele período. Neste sentido, é importante definir as proximidades e distanciamentos desse gênero de ação metodológica e de texto, ao mesmo tempo, utilizado tanto no campo acadêmico quanto jornalístico.

2 A ENTREVISTA JORNALÍSTICA E EM HISTÓRIA ORAL: ESPECIFICIDADES

A entrevista faz parte das áreas de Ciências Humanas e Sociais, ou seja, da história oral e do jornalismo. Mas, para cada uma delas, o conceito de entrevista pode variar até na forma de abordar o entrevistado, o comportamento durante a entrevista e o que fazer com o material recolhido depois da entrevista, dentre outros aspectos.

Diversos autores nos dão os conceitos e dicas desta ferramenta tão importante para as duas áreas. A autora Carla Mühlhaus (2007, p.18) explica que “para entender a entrevista é preciso, acima de tudo, pensá-la. Só assim o repórter poderá obter, por meio dela, mais do que um furo de reportagem ou uma conversa frustrada”.

Isto é, o entrevistador tem que conhecer o seu entrevistado e saber agir diante de suas informações, pois, a partir de suas declarações, podem surgir detalhes que virem um furo de reportagem – mas, se não souber usar essa ferramenta, será impossível ter uma entrevista realizada com êxito.

Na história oral, a entrevista é considerada como um processo de recolhimento de informações gravadas com pessoas que podem testemunhar acontecimentos. Elas são tomadas como fontes para a compreensão do passado, ao lado de documentos escritos, imagens e outros tipos de registro, com o objetivo de compreender como os indivíduos experimentaram e interpretam aqueles acontecimentos e modos de vida de grupo ou da

sociedade em geral⁴. É exatamente o que François Hartog (2013, p.33) diz sobre o que é a história oral: “escrever história será, desde então, tomar como ponto de partida o conflito e relatar uma grande guerra, fixando sua ‘origem’”.

As entrevistas podem ser: individual ou em grupo de pessoas, vai depender da habilidade do entrevistador em mediar toda a conversa, sabendo aproveitar todas as falas possíveis.

Para o jornalismo, a entrevista é o elemento essencial, pois a reportagem depende de investigações, observações, números e capacidade de escrever de forma clara. Nesse caso, tendo a entrevista como um método para apurar as informações, o texto terá mais veracidade e agregará uma credibilidade diante dos leitores. O jornalista depende deste elemento, até mesmo para conseguir informações em off (que, no dialeto dos jornalistas, significa narração gravada sem identificar a fonte que está dando a informação), sendo um recurso válido e que depende de uma boa entrevista e de o repórter saber conduzir uma conversa produtiva com a fonte.

O jornalismo acredita que entrevistar é uma técnica em que você tende a melhorar com o tempo e com a prática⁵. Segundo Mühlhaus (2007, p. 43), “a informação trazida pela entrevista jamais é seca, bruta, estéril: muito pelo contrário, as possibilidades interpretativas são sempre generosas, abrindo caminho para entrevista criativa.”

No momento da entrevista, o entrevistador tem que saber controlar o clima do ambiente, pois pode ocorrer de o entrevistado ficar ansioso ou nervoso, correndo o risco de não falar tudo o que queria, por exemplo.

É nessas horas que o entrevistador tem que saber intervir para tentar amenizar o problema, porque pode acontecer que o entrevistado possa esquecer de algum detalhe ou algum fato que poderia ser explorado e, depois, pode ser que o outro entrevistador pegue esse detalhe e faça uma ótima entrevista. É por isso que o entrevistado não deve fazer uma entrevista totalmente fechada, conforme Cremilda Medina (2013, p.11) explica:

Eis algumas das possibilidades de enriquecimento informativo na entrevista aberta, sem a camisa-de-força do questionário fechado: o centro do diálogo se desloca para o entrevistado; ocorre liberação e desbloqueamento na situação inter-humana e esta relação tem condições de fluir.

⁴ Informações retiradas do site Centro de Pesquisa e Documentação – CPDOC da Fundação Getúlio Vargas – FGV; mais detalhes podem ser encontrados nas referências, no final do trabalho.

⁵ Informações retiradas do site BrioBlog; mais informações podem ser encontradas nas referências, no final do trabalho.

Ou seja, para que a entrevista possa fluir, o melhor não é usar um roteiro totalmente fechado, sem oportunidade para que possam surgir as perguntas, mas sim tentar adaptar este roteiro para o clima em que a entrevista está ocorrendo.

No livro de François Hartog (2013, p. 27), o autor relata várias vezes a função da história oral e como a memória está inserida na história, pois para ele “a memória, até então considerada uma fonte impura, transformou-se em um objeto de história de pleno direito, com sua história.”

Sendo assim, a memória ajuda na lembrança de pequenos detalhes em que a história oral gosta de trabalhar, seja uma lembrança descritiva de como era um lugar, o sentimento que envolve aquele pequeno momento, que Hartog considera como algo puro: quando ela for publicada e passar os anos, quem irá ler vai entender como aquele entrevistado se sentiu quando relatou a sua história.

Os autores Meihy e Holanda (2011, p.17) prezam muito a importância de voltar com os resultados da entrevista a quem a concedeu:

Sempre que possível, publicar os resultados, que devem, em primeiro lugar, voltar ao grupo que gerou as entrevistas. O compromisso com a “devolução” dos resultados do projeto é condição básica para se justificar um projeto da história oral.

Pois, para que o entrevistado mantenha confiança no trabalho do entrevistador e este, quem sabe, futuramente, precise usar aquele personagem para outro trabalho, é necessário mostrar o efeito da conversa. Seria interessante mostrar o andamento, ou melhor dizendo, o resultado da conversa para a pessoa que lhe deu essas informações, em razão de que pode haver informações que, talvez, por algum motivo específico, ela não queira que publique algum trecho da entrevista ou pode ser que o entrevistado tenha mais informações a complementar.

O tempo é essencial para a entrevista, o que exige que se controle a duração dela, que deve ter horário para começar e terminar, pois evita o cansaço do entrevistado – cansaço que pode ter como consequência a omissão de algum detalhe relevante para aquela entrevista ou até mesmo para o entrevistado.

O oposto também é negativo: quando a entrevista não tem tempo determinado, o entrevistado pode falar demais, fugindo totalmente do contexto e objetivo daquela conversa. Uma entrevista em que o tempo não é controlado pode se mostrar uma conversa informal, sem pressas para que seja encerrada; se o entrevistado fala muito sobre

determinado assunto, é ideal que o entrevistador explore esse lado também, mas sem deixar perder o verdadeiro foco.

Há casos em que o entrevistado não gosta de falar muito, sendo sempre curto nas suas respostas e deixando o entrevistador em pânico, se ele não estiver preparado para essas situações, que podem fugir do que estava esperando.

É essencial que o entrevistador esteja preparado para imprevistos, que podem ocorrer antes, durante ou depois da entrevista. Antes da entrevista, pode acontecer de o entrevistador marcar um horário com a sua fonte e ela simplesmente não aparecer ou, se aparecer, será com algumas horas de atraso.

Durante a conversa, pode ocorrer de o gravador não querer funcionar, sendo necessário testar o equipamento antes de utilizar - alguns autores ensinam que o ideal é ter dois gravadores para a entrevista, pois, se um der problema, já haverá o outro para substituir; o entrevistado pode estar com humor alterado ou se sentir constrangido com alguma pergunta e, como consequência, sentir a necessidade de não querer responder.

Depois da entrevista, tende a acontecer de você perder o áudio por algum motivo que você não estava esperando. Para evitar isso, o recomendado é sempre fazer backup do documento, mas de toda forma é essencial o entrevistador estar preparado para esses contratempos e ser ágil para resolver tais obstáculos.

Meihy e Holanda (2011, p.19) acreditam que a entrevista só tem efeito se houver um diálogo entre duas pessoas ou mais:

A entrevista de história oral é sempre um processo dialógico, isto é, que demanda a existência de pelo menos duas pessoas em diálogo, porém não se trata de uma conversa e sim de uma relação programada, atenta as gravações.

Ou seja, a entrevista é considerada pelos autores um processo que demanda o diálogo com duas pessoas, pois em uma conversa podem ocorrer divergências entre o entrevistado e o entrevistador, quando um pode questionar o outro se as informações não conferem. Meihy e Holanda (2011, p.24) completam que

Independentemente da existência de documentos, para a história oral justifica-se a captação de entrevistas em três situações pontuais, quando: existem versões diferentes da história oficializada; se elabora uma “outra história” com base em documentos efetuados para circunstâncias em que a interdição não permitiu registros ou apenas gerou um tipo de registro; estudos de memória, construção de identidade e formulação de consciência comunitária.

Para que a história oral tenha efeito, o entrevistador pode explicar para o seu entrevistado em que elemento ele está se baseando: se é por documentos, declarações de

entrevistas anteriores, etc., pois assim poderá deixar o entrevistado mais envolvido com a entrevista, sendo maiores as chances de ele confiar no entrevistador.

O jornalismo só é o que é pelo fato de existir a entrevista, pois é onde se localizam informações de relevância para serem publicadas. Rochou (2003, p.4) acredita que “Não se trata aqui apenas de técnicas de entrevista, mas há uma questão ética que deve estar presente permanentemente na discussão. Afinal, as entrevistas vão servir como documentos sobre os assuntos escolhidos.”, isto é, a ética tem que estar sempre presente no processo da entrevista e alguns conceitos de ética já foram citados, como: o tempo da entrevista, que tem início, meio e fim; o cuidado com as perguntas, que não podem deixar o entrevistado constrangido; a necessidade de mostrar ao entrevistado os resultados da entrevista e explicar, sempre que possível, o objetivo da daquela entrevista.

Quanto aos resultados da entrevista, Rochou (2003, p.7) comenta, que “o resultado é que a interpretação da fonte oral é extremamente complexa. A dificuldade da crítica das fontes orais, portanto de sua interpretação, vem da hesitação em atribuir o resultado do discurso que o entrevistado teve com seu entrevistador.”

3 JORNALISMO E HISTÓRIA ORAL: APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS

Como já foi dito anteriormente, a história oral e o jornalismo têm suas características próprias e distintas uma da outra. Assim, é nas distinções que cada campo tem a sua peculiaridade e se diferencia um do outro, em relação ao uso da entrevista como método de recolhimento de informações.

No jornalismo, Nilson Lage (2004, p.78-79) comenta que “o êxito de uma pauta depende essencialmente de quem a executa. O trabalho de reportagem não é apenas o de seguir um roteiro de apuração e apresentar um texto correto.”

Ou seja, não adianta apenas fazer a entrevista se o entrevistador não sabe ou não tem noção do que está fazendo, pois é essencial que ele tenha domínio do conhecimento da sua prática para que consiga capturar os melhores materiais possíveis para, com eles, fazer a sua matéria (notícia, reportagem, entrevista no seu formato próprio, etc.).

Já na história oral, o entrevistador tem como objetivo capturar as análises de histórias do presente, com a nítida intenção de transformá-las em um documento para o futuro. Neste sentido, François Hartog (2013, p. 50) comenta que “essa preocupação com o presente e essa atenção focalizada no plano local são dois traços que caracterizam as histórias locais, destinadas a ganhar grande amplitude no século seguinte.”

3.1 Jornalismo e história oral: aproximações

O jornalismo e a história oral, no tocante ao uso da entrevista, têm suas semelhanças. Por exemplo, na relação que estabelecem com a noção de documento. No jornalismo, segundo Carla Mühlhaus (2007, p. 41),

(...) é o registro não tão efêmero quanto o de entrevistas para o rádio e a TV, guarda pedaços maiores da história, da cultura e da sociedade. Sempre as percebi como documentos, no sentido estrito da palavra: provas escritas de momentos e personagens fundamentais.

Melhor dizendo, ela considera os produtos da entrevista como algo fundamental e documental, pois servem como provas que preservam pedaços maiores da história e da cultura de uma sociedade. Por exemplo: pode ser que, agora, você dê entrevista sobre determinado assunto que, no presente momento, não possui relevância para a sociedade em que vive, mas se essa entrevista for reproduzida daqui a 10 ou 15 anos, pode ser que tenha relevância, pois o momento será outro e a forma de ver também.

Já na história oral, os autores Leandro Karnal e Flavia Galli Tatsch (2013, p.16) comentam, a respeito do documento, que “Mesmo não sendo idênticas, as reações suscitadas pelos artistas sobre a validade ou relevância de certas produções aproximam-se do debate sobre a validade ou relevância de documentos ou objetos novos em História.”

Isto é: para a história e para o jornalismo, a entrevista serve como documento que prova o que os sujeitos estão dizendo.

O tempo da entrevista se mostra um elemento comum entre a história oral e o jornalismo, desde a duração até o término. Para que a entrevista não perca o foco pelo fato de o entrevistado falar demais e fugir às perguntas, Cremilda Medina (2008, p.43) comenta que o entrevistado “passeia em atalhos, mergulha e aflora, finge, sonha e traduz o seu sonho, avança e recua, perde-se no tempo e no espaço.”

Às vezes, o entrevistado fala tanto que nem ele mesmo não se dá conta das coisas que está dizendo e, quando a entrevista é publicada, ele tenta discordar de si mesmo, por não se recordar do que tinha dito. Na história oral, segue-se a mesma rotina, pois, para os autores Meihy e Holanda (2011, p.16), o tempo deve ser controlado durante a entrevista: “(...) é sempre importante prever o tempo de gravação a ser dedicado aos encontros. Todo projeto deve propor um tempo de duração comum a todos os segmentos entrevistados, ainda que dificilmente isso seja obedecido.”

Se não programar o tempo, a entrevista poderá perder o sentido que foi dado no início. Não tem a quantidade exata de informações, não pode deixar o entrevistado se sentir cansado, estressado ou algo do tipo. Se perceber esses sintomas, o conveniente é terminar a entrevista imediatamente e pedir para que possa ser remarcada para continuar o trabalho. Porém, convém não deixar a continuação para data muito distante, pois pode ocorrer de o entrevistado dizer algo contraditório e não querer confirmar as informações ditas na primeira entrevista.

Os recursos técnicos necessários para a efetivação da entrevista também são essenciais para que ela possa ser vista, ouvida, etc. Para se fazer uma boa entrevista, é necessário que o entrevistador tenha equipamentos digitais para captar a conversa, como o gravador, celular, câmeras. É nele que vai ficar registrado tudo o que for dito.

Na história oral, conforme os autores Meihy e Holanda (2011, p.19), ressalta-se a importância de se guardarem os materiais gravados e as mesmas afirmam que, “além de prezar o valor documental do resultado das entrevistas, bem como dos aparelhos eletrônicos, aqui é considerada a passagem oral para o escrito.”

Na entrevista, além das gravações, o que foi transcrito é considerado um documento, pois se passou do oral para o escrito a fala do entrevistado. Meihy e Holanda (2011, p.19) ainda completam sobre a importância do uso do gravador na entrevista na história oral: “A história oral é um processo sistêmico de uso de entrevistas gravadas, vertidas do oral para o escrito, com o fim de promover o registro e o uso de entrevistas.”

Tanto no jornalismo quanto na história oral, o uso da técnica de gravação pode trazer várias possibilidades interpretativas, como diz Carla Mühlhaus (2007, p. 43): “a informação trazida pela entrevista jamais é seca, bruta, estéril: muito pelo contrário, as possibilidades interpretativas são sempre generosas, abrindo caminho para entrevista criativa.”

3.2 Jornalismo e história oral: distanciamentos

Os distanciamentos entre a história oral e o jornalismo também estão presentes, pois é a partir deles que cada um desses campos tem suas peculiaridades.

Em primeiro lugar, torna-se conveniente ressaltar entre eles a função precípua do texto e das falas. Como se sabe, no jornalismo, o processo da entrevista está mais preocupado com declarações do entrevistado e não com a fala de todo o seu contexto, pois nem sempre a fala do entrevistado será totalmente aproveitada.

Sendo assim, o entrevistador selecionará trechos relevantes para compor a sua matéria. Nilson Lage (2004, p.74) registra que “O ponto de interesse está mais centrado na exposição (da voz, da figura) do entrevistado do que no que ele tem a dizer.” Ou seja, o interesse do jornalista, na maioria das vezes, se encontra mais na presença do entrevistado do que no que está registrado na sua fala.

No caso da entrevista na história oral, o entrevistador se preocupa com o que o seu entrevistado tem a dizer, explora todas as declarações dadas por ele, tendo o cuidado de deixar a fonte falar, evitando interrompê-la. Penna (2005, p.146) afirma, sobre isso, que “A indiferença em relação à atmosfera do momento da entrevista é uma postura não compartilhada por muitos adeptos da utilização das fontes orais, que procuram transferir para o texto não apenas as palavras, mas os gestos e informações diversas.” A consequência dessa ação está no fato de que o entrevistador deve dar “vida” ao texto, trazendo sentimentos que aconteceram no momento da conversa, como risos, choros, raiva, etc.

A entrevista na história oral precisa de um ambiente mais calmo, que proporcione uma conversa com o entrevistado. Geralmente, esse lugar está muito vinculado à escolha do convidado e vai ajudá-lo a fornecer as informações e, dependendo do assunto a ser exposto, é o entrevistado quem o escolhe. É isso que Meihy e Holanda (2011, p.16) comentam, quando escrevem: “o local da realização da entrevista deve ser acertado antes, mas a preferência da escolha é sempre prerrogativa do entrevistado”.

Melhor dizendo, o local onde a entrevista acontecerá, a data e às vezes até o horário devem fazer com que o entrevistado se sinta confortável e seguro para se fazer possíveis revelações. Meihy e Holanda (2011, p.16) reforçam esse ponto, mencionando que “preferencialmente, os locais devem permitir privacidade e boas soluções de gravação”.

Já no jornalismo, o repórter, quando precisa de fontes para entrevistar, em geral vai ao local em que elas estiverem - seja na rua, no calor de 40° graus, ou em uma sala de consultório climatizada; o importante para o repórter é coletar falas dos entrevistados. Conforme Nilson Lage (2004, p.78-79), com os avanços tecnológicos, a entrevista pode até ocorrer virtualmente: “a tecnologia mais recente permite a conversa oral e a presença da imagem do interlocutor na tela do computador - mais ou menos como acontece nos links de televisão.” Já a entrevista virtual é um ponto condenado pela história oral, que preconiza, sempre, que o contato entrevistador-entrevistado se dê de maneira presencial.

A entrevista na história oral e no jornalismo tem ainda sua distinção na forma com que se trabalha com os fatos recolhidos. Na história oral, trabalha-se com relatos do passado para poder entender o presente; o jornalismo, por outro lado, trabalha com o presente para entender o futuro. Para Silva (2011, p. 37), o jornalista, quando faz uma entrevista, é considerado uma espécie de historiador do futuro, assim como acontece com a história oral: “A entrevista é um dos instrumentos básicos do jornalista. É preciso entender qual a função da entrevista, especificar de que trata esse instrumento tão caro à História Oral e fundamental para o Jornalismo.”

Por fim, cabe afirmar que a história oral é considerada como um método que ajuda a desenvolver pesquisas que, geralmente, os antropólogos ou cientistas sociais usam para interpretar fatos e observar comportamentos da nossa sociedade, a partir de fontes contadoras de histórias.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos concluir que a entrevista é essencial para as duas áreas: história oral e jornalismo e que, em qualquer uma das duas, é possível encontrar resultados relevantes que justifiquem a guarda como um documento ou não.

Os autores Meihy e Holanda (2011) dizem muito sobre a entrevista no método da história oral e afirmam que podem existir três razões específicas para se realizar a entrevista: seguindo os passos de quando existirem versões diferentes da história oficializada; quando surgem novas versões da história; e quando se quer efetivar estudos de memória e construção de identidade.

No jornalismo, Cremilda Medina (2013) diz que a entrevista pode ocorrer, em algumas possibilidades, para o enriquecimento informativo, podendo se apresentar de modo aberta, sem a camisa-de-força do questionário fechado. Sendo assim, a entrevista teria como objetivo funcionar como centro do diálogo, deslocando o foco para a fala do entrevistado. Na entrevista, deve-se estar totalmente focado na fonte e no modo como a entrevista ocorre, podendo ser mais espontânea ou séria – o entrevistador tem que saber lidar com essas situações.

É necessário lembrar que a entrevista tem como objetivo entender como os fatos acontecem, mas desde que a sua fonte (personagem) seja uma pessoa com um grau de relevância para aquele assunto. Estamos vivendo uma nova era digital, em que algumas funções da entrevista estão sendo adaptadas para o digital como a internet; hoje fica mais

fácil de você conseguir falar com uma fonte que tenha relevância para a sua entrevista, mesmo que ela more em outro país.

A todo instante, mudam os conceitos e a forma de aplicar a entrevista. Com isso, os consumidores da informação tendem a exercer um papel de destaque na criação de notícias, fazendo com que os jornalistas passem a ouvir diversas versões das narrativas de seus entrevistados, pois para a ética jornalística a notícia tem que ser contada com os lados envolvidos.

A entrevista tem como objetivo analisar e entender acontecimentos históricos, a partir de relatos de alguém que presenciou aquele momento, sendo recolhidas declarações de forma detalhada.

Sendo assim, os elementos que aproximam as duas áreas da história oral e do jornalismo são:

- a) A relação com a noção de documentos: no jornalismo e na história oral, isso é algo fundamental, pois ela serve como prova, que guarda pedaços maiores da história e da cultura de uma sociedade, sendo registrada em equipamentos digitais, como gravadores ou documentos transcritos; uma entrevista realizada, caso hoje não tenha uma certa relevância, pode adquiri-la daqui a 10 anos, se alguém olhar novamente essa entrevista e der a ela um outro significado;
- b) A temporalidade: é também um ponto que une as duas áreas, conceituando-se desde a duração da entrevista até o seu término, para que a entrevista não perca o foco, ocasionando o entrevistado falar demais e fugir de responder às perguntas;
- c) Os recursos técnicos necessários para a efetivação da entrevista são essenciais para que ela possa ser vista, ouvida, etc. Para se fazer uma boa entrevista, é necessário que o entrevistador tenha equipamentos digitais para captar a conversa, como o gravador, pois é nele que vai ficar registrado tudo que for dito.

Já em termos de distanciamentos entre a história oral e o jornalismo, eles guardam peculiaridades de cada área, como as que seguem:

- a) Em relação à função precípua do texto e das falas, os jornalistas estão mais preocupados com declarações do entrevistado e não com a fala em todo o seu contexto, como na história oral;

-
- b) Quanto ao ambiente, na entrevista na história oral é preciso um ambiente mais calmo para conseguir conversar com o seu entrevistado e, geralmente, isso está condicionado à escolha do convidado e ainda ao assunto a ser exposto. No jornalismo, o ambiente muitas vezes é escolhido na correria da própria apuração da notícia;
- c) A distinção na forma de trabalho designa que, na história oral, trabalha-se com relatos do passado para poder entender o presente e, no jornalismo, trabalha-se com o presente para entender o futuro.

Esse trabalho teve como objetivo mostrar as aproximações entre o jornalismo e a história oral, relacionando as suas semelhanças e divergências, já que são áreas em que a entrevista é encarada como um recurso-motor, coletor básico de informações.

REFERÊNCIAS

Entrevista: saiba como dominar a arte de uma boa conversa. BrioBlog. 21 de fev. 2018. Disponível em: <<https://briohunter.org/blog/dominar-arte-entrevista/>>. Acesso em 13 de nov. 2018.

HARTOG, François. **Evidência da História:** o que os historiadores veem. 1ªed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

KARNAL, Leandro. TATSCH, Flavia Galli. **Documento e História:** A memória evanescente. São Paulo. Contexto, 2013.

LAGE, Nilson. **A reportagem:** teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. 4ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

MEDINA, Cremilda Araújo. **Entrevista o diálogo possível.** 5ª ed. São Paulo, Ática, 2008.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. HOLANDA, Fabíola. **História Oral como fazer como pensar.** 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2011.

MÜHLHAUS, Carla. **Por trás da entrevista.** Rio de Janeiro: Record, 2007.

O que é história oral. FGV CPDOC. 2017. Disponível em: <<https://cpdoc.fgv.br/acervo/historiaoral>>. Acesso em 08 de nov. 2018.

PENNA, Rejane Silva. **Fontes Oraís e Historiografia:** avanços e perspectivas. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

ROUCHOU, Joëlle. **Entrevista na história oral e no jornalismo.** ANPUH. João Pessoa, 2003.

SILVA, Dacio Renault da. **Jornalismo e História:** o jornalista como historiador do presente. UNB. Brasília, 2011.